

Poemas de Ana Santana

Do livro: *Em nome da pele*. João Pessoa: Ideia, 2008.

ORFANDADE

A procissão passa,
fiéis suplicam
maternidade.
Alarido, dilaceramento,
confissões de exílio.
Adventícios
a cidade, a santa
e os filhos (p. 41).

ATLAS ANTIGO

Aquela cidade não há mais
A não ser nos mapas
E nos meus desenhos escolares
Madrugadinha
Luzes todas apagadas
Esquecimento e fim

A herança do ermo
Inclui fantasmas e folguedos
Aquela cidade me cartografa
Brinco nela quando me dá infância
Sou cabra-cega procurando a mim (p. 45)

CONTRIÇÃO

Os sinos tocam dentro de mim
Às vezes é chamada
Para funerais de amores antigos
Às vezes é chamada
Para batizado de amor novato

Sou uma igreja
Enfeitada de nudez alfazemada
Desejando confissão

Os sinos tocam dentro de mim
Ainda que me digas ser avesso
Aos laços e seus hinos
E apenas me aceite nos dias de precisão

Os sinos se multiplicam dentro de mim
Cada vez que dobra os joelhos
Mais e mais necessitado de comunhão (p. 58).

ESTRAMBÓLICO

Isso de misturar
azeite, mel e mostarda
enfeite, pedra e palavra
Isso de escrever
Isso de fazer salada
Isso de banho e tosa
tudo invenção nossa
Um modo de fazer crível
a viagem no quarto
a bonança na tempestade
e a liberdade no vício (p. 66).

Do livro: *Danaiades: inventário de signos*. Natal: A. S. Editores, 2005.

CRISÁLIDA

Aprendi tarde
a dispensar conselhos de druidas
a velejar barcos sem vela
a substituir com signos
a incompletude da espera.
Metano, sou chama pálida.
Maturação de fósseis ilhados.
Butil lavrando em pedra o devenir...
Recolho as bainhas das saias,
guardo nelas o tropel das madrugadas em claro
E as migalhas desprezadas pelas gralhas.
Enquanto macero rosas no álcool,
promessas navegam em folhas de Buriti.

COBIÇA

O que me olha na rua,
enquanto passo anônima,
não é o poeta, nem o vendedor de pulseiras.
O que me olha na rua é o vejo.
não vejo o poeta, nem o vendedor de pulseiras.
Vejo o que me olha...
as pulseiras, a poesia,
que farejam alegria
sob minhas vestes pretas.
É preciso roubar do burburinho das calçadas em prosa,
para versos e músculos,
a alegre folia das vozes
e o tino do olhares em miúdos.